



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)**

**INSTITUTO DE HUMANIDADES – IH
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES - BHU**

**PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
(PROGRAD)**

ITALO DA SILVA SOUZA FRANCELINO

**“A ARTE PARA MIM É TUDO”: A VIDA DE QUEM DEPENDE DA ARTE NO
INTERIOR**

REDENÇÃO-CE

2023

ITALO DA SILVA SOUZA FRANCELINO

“A ARTE PARA MIM É TUDO”: A VIDA DE QUEM DEPENDE DA ARTE NO INTERIOR

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado em formato audio-visual ao curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para a obtenção do Título em Bacharela em Humanidades.

Orientadora: Prof. Dra. Daniele Ellery Mourão

BANCA EXAMINADORA



Prof. ^a Dra. Daniele Ellery Mourão (Orientadora / IH UNILAB)

Documento assinado digitalmente



FRANCISCA ROSALIA SILVA MENEZES

Data: 02/02/2023 16:41:02-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. ^a Dra. Francisca Rosalia Menezes (Examinadora / IH UNILAB)



Prof. Dr. Leandro Proença (Examinador / IH UNILAB)

REDENÇÃO-CE

2023

TERMO DE APROVAÇÃO

Relatório de vídeo e ficha técnica de conclusão de curso apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Humanidade da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

“A ARTE PARA MIM É TUDO”: A VIDA DE QUEM DEPENDE DA ARTE NO
INTERIOR

ITALO DA SILVA SOUZA FRANCELENO

Data da aprovação: 31 de janeiro de 2023

Nota: 10

REDENÇÃO - CEARÁ
2023

RELATÓRIO DE PESQUISA

TÍTULO: “A ARTE PARA MIM É TUDO”: A VIDA DE QUEM DEPENDE DA ARTE NO INTERIOR

DURAÇÃO: 22:06 (Vinte e dois minutos e seis segundos)

LISTA DOS PARTICIPANTES DO FILME:

CLEIDIANE SOUZA

ITAMAR FRANCELINO

JORGE MACHEL

IGOR MATOS

FERNANDO SOUSA

RESUMO

O presente filme que tem como título “*A ARTE PARA MIM É TUDO*”: *A VIDA DE QUEM DEPENDE DA ARTE NO INTERIOR*, busca mostrar um pouco da vida dos artistas da cidade de Capistrano-CE em meio a tantos desafios que se pode encontrar, como a desvalorização e a falta de incentivo da própria comunidade. Com a grande desvalorização, esses artistas buscam outro meio de vida para sobreviverem, pois apenas depender de sua arte, não seria possível obter uma renda. Apesar disso, o filme mostra o significado do valor da arte, que vai além de uma obra pintada ou esculpida. Para esses artistas a arte é uma forma de diálogo com sua subjetividade, é a expressão daquilo que pensam, acreditam e sentem, para alguns, até uma forma de terapia. Esse é o motivo pelo qual esses artistas permanecem produzindo arte, também como resistência, denuncia. A arte está ao nosso redor, “a arte para mim é tudo”.

Palavra chave: Arte, desvalorização, interior.

SUMÁRIO

1. OBJETIVO	6
2. JUSTIFICATIVA.....	8
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
4. METODOLOGIA	14
5. ETAPAS DE REALIZAÇÃO.....	16
5.1 PRÉ-PRODUÇÃO	16
5.2 PRODUÇÃO	16
5.3 PÓS-PRODUÇÃO	16
6. REFERÊNCIAS.....	17

1. OBJETIVO

Quando paramos para pensar em algo artístico, como exposições ou obras de arte, imaginamos lugares sofisticados, como museus, teatros, festivais, entre outros. São lugares abertos ao público nos centros das cidades, dessa forma a arte é propagada dentre suas inúmeras expressões. Porém, a arte vai muito além desse conceito, a arte é cultura e está presente em nosso dia a dia mesmo sem percebermos. Está presente na música que escutamos, na dança, no filme que assistimos, em uma escultura ou pintura localizada em centros públicos da cidade.

O presente trabalho tem como objetivo mostrar, de forma documental, a realidade de artistas interioranos para manifestar a arte de lugares onde a sociedade menos espera, da periferia, das margens do centro das cidades, especificamente em um lugar localizado no interior da cidade de Capistrano-CE, lugar onde a arte é pouco valorizada. Viver do meio artístico se torna um verdadeiro “caminho das pedras”, pois até mesmo para quem busca emprego na cidade de Capistrano, as oportunidades são poucas, tendo como opção as lojas locais ou mesmo a prefeitura da região. Partindo desse princípio, viver da arte no interior, nas condições que a cidade proporciona, é quase impossível.

Assim, a pesquisa pretende explorar justamente os sentimentos e pontos de vista de artistas desse território que são alvo da desvalorização e da falta de incentivo. Por meio do filme, analisar suas condições e o que cada um pensa a respeito desta problemática. Refletir como a arte periférica, a arte interiorana também é forma de resistência, uma vez que eles(as/os) mostram que persistir é ir contra tudo aquilo que os faz pensar em desistir, onde o incentivo vem a partir da vontade de criar de se expressar no que fazem de melhor. Pois a arte, para cada um dele, é uma ligação com sua própria subjetividade. O incentivo nessas condições, se baseia pelo cooperativismo entre os próprios artistas, no filme, os 5 participantes mantêm uma relação. Inclusive, o personagem Machel fala que em sua trajetória, o personagem Itamar, o ajudou em sua caminhada dando dicas de pintura.

Por meio das narrativas dos participantes é possível perceber a dificuldade de conciliar suas vidas com a arte. A personagem Cleidiane, por exemplo, relata que trabalha em uma confecção de roupas, e o momento que tira para produzir é apenas à noite quando chega do trabalho. O personagem Itamar também trabalha na prefeitura de Capistrano e

apenas nos momentos livres, consegue fazer suas encomendas. Mas sem uma renda extra, para esses dois casos não seria possível viver apenas da arte, pois no interior a venda é uma incerteza, variando entre altos e baixos.

A arte para esses personagens apresentados no filme também é uma forma de terapia, é por meio dela que sentimentos podem ser expressados com o propósito de abrir portas no intuito de fazer com que, tanto o autor, como espectador, possam viajar através de uma nova perspectiva de mundo ou forma como materializam o sentimento em suas produções artísticas. A arte nesse sentido é importante para que possamos compreender outra perspectiva, “é olhar para as coisas que vemos todos os dias, só que de uma forma diferente” (Jorge Machel, 2023).

2. JUSTIFICATIVA

A arte é o meio pelo qual o artista pode se expressar de diversas formas, nela podemos encontrar uma perspectiva de mundo ou da própria sociedade. É por meio dela que o autor(a)/artista pode usar uma forma de denúncia e até mesmo uma expressão de sentimentos que pode ter vários significados, dependendo da sua própria visão de mundo.

O meio artístico, desde o princípio, dos primeiros artistas e movimentos, principalmente no Brasil, sempre se mostrou um caminho difícil a ser trilhado, a insegurança financeira, por exemplo, é um dos motivos que levam artistas a desistirem. O presente trabalho faz uma análise das narrativas e trajetórias de cinco artistas do interior da cidade de Capistrano, uma pequena cidade do interior do Ceará, com o intuito de mostrar como cada personagem concilia a sua vida artística em meio a tantas barreiras em um cenário no qual a arte não é tão valorizada.

Nasci e cresci em Capistrano, em uma comunidade chamada Riacho do Padre. Meu pai é um artista plástico, e o seu interesse pela arte veio desde cedo. Desde o seu período escolar, ele já praticava desenhos no caderno, e posteriormente aprimorou seus conhecimentos para pintura em tela e parede. Minha mãe, uma artesã, com seu interesse pelo artesanato, também foi desde seus 15 anos de idade introduzida por uma de suas tias à prática do crochê. Atualmente, ela produz tapetes, centro de mesa, kit para banheiro e até mesmo roupas. Assim, durante minha infância, sempre me interessei pela arte, ao observar meu pai produzindo obras em quadros, e pedia para que ele me ensinasse a arte da pintura em tela. Apesar de nascer em família de artistas, me lembro de ouvir das palavras de meu pai, que por mais que eu produzisse algo artístico, por mais que eu gostasse, eu deveria buscar outro meio de vida, pois “a arte era um caminho muito difícil para quem busca esse meio de vida”.

No interior, as oportunidades de emprego são poucas para quem mora na cidade, os artistas insistem em suas produções apesar da desvalorização e da falta de incentivo. Alguns desses artistas apresentados no filme (como meu pai e minha mãe, o pintor Itamar e a crocheteira Cleidiane), procuraram outro meio de sobrevivência, trabalhando em outras oportunidades de emprego que não são ligadas ao meio artístico. A prefeitura não valoriza os artistas de sua cidade, pelo menos não como deveriam, percebemos isso na fala de Fernando, quando diz que: “Se fosse depender de Capistrano, morria de fome... o que vinheram me oferecer foi um salário para três pessoas.” E também na fala de

Cleidiane: “Até já dei cursos para algumas comunidades na prefeitura há um tempo atrás, mas depois não me procuraram mais”.

Então, o motivo que me moveu a realizar esse filme, está ligado às minhas raízes, faz parte de quem eu sou, filho de um artista plástico e de uma artesã. Na infância me lembro de situações de necessidades na qual, mesmo pequeno, pedia a Deus que meu pai conseguisse vender uma de suas peças de arte para comprar o que estava faltando em casa. Talvez por isso, fui orientado a escolher outro caminho como meio de vida, pela experiência de meus pais. Essa é a realidade de artistas no interior, são dias bons e ruins, um arduo caminho entre altos e baixos.

Desse modo, o trabalho apresentado (documentário e relatório) é importante para que um pouco da riqueza que se pode encontrar em uma pequena cidade do interior do Ceará possa ser conhecida, a diversidade de expressões artísticas em suas diversas formas, conhecendo a trajetória e a vivência desses artistas com a sua arte, e o que ela representa para cada um dos personagens interlocutores. O interior é um campo onde a arte é pouco valorizada, mas apesar das barreiras e das dificuldades, a arte para eles/as/os é tudo.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

A arte tem seus diversos significados, no filme os personagens definem o que a arte representa em suas vidas. O conceito de arte, a busca pelo seu significado, tem marcas históricas no Brasil. No ato da semana das artes, em 1922, artistas revolucionários rompiam o conceito de arte, expondo várias formas de arte que fugiam do padrão academicista. Assim, a arte passou a ser expressada de diversas formas. Para Nietzsche (2008) a vida é um constante criar e recriar, é dessa forma que o artista ao criar suas obras, de alguma forma procura expressar aquilo que está em seu interior, sua visão de mundo ou a forma como um sentimento é vivido. No filme é perceptível na fala do personagem Fernando, que trabalhava com produtos de limpeza artesanais, e um dia, ao passar por uma Carnaúba (uma palmeira nativa do nordeste brasileiro), empunhou o seu facão e tirou alguns ramos, no intuito de criar, imaginar uma forma de usar esse recurso para ser transformado em uma expressão artística. Isso levou com que sua vida mudasse.

Produzindo uma imagem, desenhando, pintando, esculpindo, o sujeito está fornecendo uma oportunidade para conhecermos mais a seu respeito. E não apenas observando o resultado final, mas também acompanhando o seu processo de criação. De que forma se relaciona com os materiais e com a possibilidade de se expressar. E também de que forma se relaciona com aquilo que cria (COUTINHO, 2005, p. 46).

Em seu livro, Vanessa Coutinho (2005) afirma que quando é produzido uma arte, o autor está abrindo portas para que o público conheça mais a seu respeito. É isso que o personagem Jorge Machel elucida em sua narrativa ao mencionar que parte dos seus desenhos foram produzidos em momentos tristes, ou de felicidade e até mesmo de esperança que vivenciou, a partir da sua experiência de vida e da forma como ele visualiza tais sentimentos. De forma a nos fazer conhecer sua vivência e sua realidade, a partir disso podemos relacionar com o que afirma Vigotsky (1999, p.315) “a arte é o social em nós”, e por meio dela um sentimento pode ser transformado em uma produção artística.

Dessa forma, Ana Frederico (2014) nos afirma que

A arte é, assim, uma forma de expressar sentimentos, sonhos, angústias, e tudo mais que está relacionado ao psicológico. É também a manifestação de habilidades especiais, realizadas a partir da percepção, das emoções e das ideias, é uma forma de tornar material aquilo que é imaterial, visto que o ser humano, desde a Antiguidade, sempre sentiu necessidade de materializar tudo aquilo que ele sente, pensa, deseja e acredita (FREDERICO, 2014, p.13).

Pensando a partir dessa perspectiva, a arte estaria ligada ao emocional. Essa perspectiva pode dialogar com o que é dito pelo personagem Igor Matos: “A arte é uma forma de terapia”. Podemos ver, através de seus trabalhos, a forma como expressa seus sentimentos, da mesmo a forma como é mostrado por Jorge Machel, quando no filme explica sua obra “O nascer”. A ideia que ele define dessa produção é sobre um nascer de novo, “cada pessoa nasce duas vezes, o primeiro nascimento está ligado a vinda ao mundo, o nascer natural e depois o nascer para o mundo”. Seria o momento no qual o individuo inicia a construção social de sua subjetividade, sua própria percepção de mundo e representação na sociedade.

Apesar de toda representação e significado, o meio artístico tem suas barreiras, no passado e no presente. Atualmente a arte como cultura passa por um grande momento de crise e de desvalorização. Entretanto, para falar do passado, do processo histórico, segundo Ana Frederico (2014), a revolução industrial tem grande impacto na produção artística. As indústrias, com a chegada das máquinas, substituíram o trabalho artesanal pelas máquinas de produção, e os artistas (artesãos) que antes recebiam remuneração pelos seus trabalhos, únicos, foram obrigados a procuram outro meio para sobreviver. Pensando a partir dessa perspectiva, como um artista, interiorano, localizado em um território no qual a arte não é reconhecida ou apreciada como deveria, pela própria comunidade, pode viver da venda de suas produções? No caso do personagem Fernando, sua narrativa instiga o questionamento de como vender uma luminária artesanal, uma fruteira ou um espelho de talos de folha de carnaúba, se nas lojas de comércio da cidade, esses mesmo produtos industriais são vendidos e até mesmo por um valor inferior?

Assim, é importante pensarmos a importância do incentivo da comunidade a esses artistas. O livro *Amor pela Arte*, nos mostra que:

“[...] o sociólogo estabelece que agrada aquilo de que se tem o conceito ou, de modo mais exato, somente aquilo de que se tem o conceito pode agradar; por conseguinte, o prazer estético, em sua forma erudita, pressupõe a aprendizagem e neste caso particular, a aprendizagem pela familiaridade e pelo exercício, de modo que, produto artificial da arte e do artifício, este prazer que se vive ou pretende ser vivenciado como natural é, na realidade, prazer culto. (BOURDIEU; DARBEL, 2003, p.165).”

Bourdieu (1998) quando fala sobre prazer culto, ele afirma que o gosto cultural está diretamente ligado a forma pela qual o indivíduo foi educado, ou seja, no meio escolar e familiar. Pensando pelo ponto de vista da arte produzida no interior, o território está localizado em um lugar onde a arte é pouco valorizada, portanto, o indivíduo só pode

ter admiração por aquilo que é familiarizado. Se a cultura local em que ele está inserido não vê, como por exemplo, a pintura como algo importante para aquele lugar, não será algo que vai ser prazeroso a seu gosto. É importante pensarmos essa questão, pois a arte, independente de qual seja, deve ser valorizada, não só pelo artista, mas pela cultura daquele local que ele pertence.

No ano de 2021, foi a primeira vez que consegui ir ao cinema pela primeira vez, aos 21 anos de idade, nunca tinha ido, foi algo inédito para mim, um telão, um cheiro de pipoca, assim como imaginava. Pensando ainda nessa perspectiva de Bourdieu, consigo perceber sua afirmação. No interior não há cinemas, e porque o gosto por essa cultura? Não há cinema para quem mora no interior, mas quando eu era pequeno na minha casa tinha um DVD. Toda vez que eu ia à feira da minha cidade comprava filmes a 2 reais para assistir em casa, mesmo com aquela imagem ruim, gravada dentro do cinema. De certa forma, filmes rodeiam a cultura na qual eu estava inserido, então o cinema é algo que, desde minha infância tinha sonho de conhecer.

No artigo de Roberta Shapiro e Nathalie Heinich, “Quando há artificialização?”, publicado em 2013, aborda sobre separação entre a cultura popular e a cultura de elite, priva parte a população de um país ao conhecimento de uma cultura. O acesso a teatros, concertos musicais, museus e galerias de artes, fazem parte de uma cultura elitizada, onde uma parte da população não tem acesso. Assim, a ideia de que “arte é coisa de rico” está diretamente associada a essa forma de privatização, da dificuldade de acesso da população. Mas segundo Frederico (2014):

A arte é uma necessidade humana, tão importante quanto comer e beber, que embora não seja reconhecida por todos vem sendo reivindicada por uma parte da sociedade que deposita nela a credibilidade de que esta é indispensável ao ser humano, e a reconhece não como simples mercadoria, mas como algo de fundamental importância, que necessitamos e temos direito de usufruir (FREDERICO, 2014, p. 29).

Portanto, a arte é tudo isso, como disse Machel: “É poesia, é escrever, é pintar, é dança, música [...] para mim a arte é tudo, engloba tudo”. É por meio dela que podemos encontrar uma visão de mundo e do desconhecido, como afirmou Read (1963, p. 34), “A arte é fuga ao caos”. Ainda pode ser uma terapia, um momento que o artista reserva para materializar o seu interior, sua subjetividade, a forma como ele sente e visualiza o mundo ou o meio social no qual está inserido. Arte também é denúncia, é um grito de socorro, é uma forma de resistência. Esse é um pequeno vestígio daquilo que posso mencionar,

resumido em poucas palavras da riqueza que a arte proporciona. É em meio a um território, localizado no interior, onde a arte não tem incentivo, tampouco, uma valorização, que se pode encontrar diversas formas de expressões artísticas e culturais. E essa é a proposta do filme, mostrar esses artistas que insistem naquilo que lhes define, naquilo que é tudo para eles, e, que mesmo em meio a tantas barreiras, a arte se sustenta em suas vidas.

4. METODOLOGIA

Inicialmente existiu um desejo de falar sobre a arte, entrevistar, dialogar com artistas e poder analisar suas narrativas, mas percebi que filmar os seus trabalhos junto a suas perspectivas em relação ao tema desse trabalho, seria uma ferramenta que proporcionaria uma experiência mais ampla, trazendo para um público maior a possibilidade de entrar na intimidade dos artistas.

O intuito era filmar cada personagem em sua própria casa, no lugar onde cada um se sentisse bem e confortável, no próprio ateliê de cada um(a), para que pudessem falar sobre eles(as/os) mesmos (as/es), além de produzirem seus trabalhos artísticos. Eu já tinha uma certa relação com os personagens, através dos meus pais que também são artistas e conhecem cada um deles (as/os), dos que estão presentes no filme. Desde pequeno, conheço um pouco da trajetória de alguns deles, pois é semelhante a trajetória vivida pelos meus pais. Eu mesmo, quando pequeno, estava presente nessa ardua caminhada. Então, para poder iniciar a filmagem, busquei inicialmente através de um diálogo, ouvi-los, fazer com que se sentissem bem. A câmera estava ligada, e enquanto eu buscava quebrar a tensão que é para os/as/es personagens está de frente a uma câmera e ter que falar sobre suas vidas, o lado pessoal de cada um(a) ia aflorando em palavras, gestos, sentimentos e simbologias.

Para uns foi mais fácil falar expressiva e tranquilamente, no entanto, em alguns casos, foi preciso usar do próprio diálogo, com a entrevista se transformando numa conversa, sem as quatro perguntas que defini previamente para cada um deles(as/os). Assim, conversava com eles(as/os) mais livremente, mas buscando sempre girar em torno dessas quatro perguntas. Portanto, o diálogo com os personagens sucedeu por meio de perguntas abertas (e não diretivas) que segundo Demo (1998) é o caminho para representações sociais mais internas e profundas do indivíduo, e que por meio disto, a fala é mais natural e realista, uma vez que possibilita que o interlocutor se sinta mais descontraído para dialogar sem seguir uma linearidade que a entrevista fechada pode induzir.

As quatro perguntas se baseavam em falar um pouco sobre a própria história e relação deles(as/os) com a arte, como foi o início de suas trajetórias artísticas. No segundo questionamento, eu pedia para que contassem uma história durante esse percurso, uma

que os/as tenha motivado, ou mesmo desmotivado, ou algo que marcou sua história com a arte. No terceiro questionamento, busquei ouvir, um pouco de cada um(a), como é viver da arte no interior, qual são as barreiras, e por fim, tentei dialogar com eles(as/es) sobre o que a arte representava em suas vidas.

O filme foi realizado no período de um mês, e a ideia era poder concluir as gravações em um período mais curto, porém nem todos os/as personagens tinham a mesma disponibilidade, alguns precisaram ser remarcados por questões de trabalho, entre outras. O critério de pesquisa se baseou basicamente nos artistas que ocupavam a cidade de Capistrano, quis trazer várias tipologias de arte, levando em conta o território no qual estão inseridos, no interior, lugar onde há pouca possibilidade de sucesso artístico pela desvalorização que a arte é submetida.

Por fim, ao realizar as gravações com os/as personagens que me determinei a documentar no audiovisual, busquei, na montagem, através de suas narrativas, fazer com que pudessem dialogar entre si, observando quais eram as semelhanças entre suas histórias de vida e caminhadas artísticas, quais os possíveis desafios que um/uma artista interiorano/a pode passar. E qual a importância da arte, de sua valorização e incentivo para a comunidade artística desse território.

5. ETAPAS DE REALIZAÇÃO

5.1 PRÉ-PRODUÇÃO

No início, antes das gravações, fiz um pequeno relatório com os nomes de artistas que conhecia, para que pudesse convidá-los/as a participar de uma entrevista. No presente esboço de filmagem, pontuei cenas que dinamizassem a experiência de quem futuramente assistiria, como no início de cada cena dos personagens, por exemplo. A gravação inicia sempre chegando à casa de alguns deles/as, e isso na minha percepção seria uma forma de fazer com que o público ficasse mais a vontade ao entrar no mundo artístico (e intimidade) de cada personagem. A ideia era poder gravar cada um em seu próprio lugar de produção artística, num lugar onde eles se sentissem a vontade para também mostrar seus trabalhos, ou mesmo realizar a peça (de pintura, crochê, etc.) na hora da gravação. Outras cenas foram em lugares da cidade de Capistrano, como a cena do final onde o personagem Itamar pinta a lente da câmera. Tudo isso foi organizado em um bloco de notas para que pudesse ser seguido e executado.

5.2 PRODUÇÃO

Na produção, tive dificuldade com o dia de gravação de alguns dos personagens do filme, pois alguns trabalhavam durante o dia e filmagens à noite não favoreciam a câmera que usei nas filmagens que foi a do meu próprio celular. Algumas vezes precisei usar um outro celular para captar o áudio, pois a câmera quando estava distante fazia com que o áudio ficasse baixo. Toda edição foi feita no programa Filmora 9, da montagem à sonoridade. Durante a produção, busquei mesclar os personagens de acordo com o impacto de suas vozes, iniciando por suas artes e em seguida introduzindo a fala.

5.3 PÓS-PRODUÇÃO

Ao finalizar toda edição, assistis diversas vezes e em algumas falas tive que reduzir o ruído de fundo, pois três dos personagens moram próximo a CE 060, estrada onde há grande fluxo de veículos a todo instante. Como a ideia inicial era filmar cada um em seu ambiente artístico, não tinha como não ser dessa forma. Esse foi um dos maiores desafios da edição, e algumas falas que considerei importantes para o filme infelizmente tiveram que ser retiradas, em razão de algum barulho extremo na hora que passava algum carro ou moto, corrompendo o momento da gravação.

6. REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1998.

BOURDIEU, P.; DARBEL, A. **O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público**. Tradução Gilhuerme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Zouk, 2003.

COSTA, Luis Artur; ZANELLA, Andréa Vieira; FONSECA, Tania Mara Galli. **Psicologia social e arte: contribuições da revista Psicologia & Sociedade ao campo social**. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 28, n. 3, p. 604-615.

COUTINHO, Vanessa. **Arteterapia com crianças**. Rio de Janeiro – Editora WAK, 2005.

DEMO, Pedro. **Pesquisa qualitativa. Busca de equilíbrio entre forma e conteúdo**. *Rev. latino-am.enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 89-104, abril 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/wSwfj7n6VCZJ4gShkMCF9f/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 14 jan. 2023.

FREDERICO, Ana Márcia da Silva. **Arte: uma necessidade**. 2014. 37 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Humanidades, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção-CE, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/145> acesso em: 15 jan. 2023.

NUNES, Benedito, **Introdução à filosofia da arte**. São Paulo. Ed. Ática, 2º ed. 1989.

SHAPIRO, Roberta; HEINICH, Nathalie. (2013), **Quando há artificação?. Sociedade & Estado**, v. 28, n. 1, pp. 14-28.

VIGOTSKY, L. S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.